

A LÍNGUAMÃE – OFICINA DE LEITURA E ESCRITA SOBRE LITERATURA E MATERNIDADE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E PENSAMENTO DAS MÃES NA PANDEMIA*

CACAU ARAÚJO**

GABRIELA DO AMARAL***

Resumo: *As novas regras sociais estabelecidas pela pandemia de covid-19 conduziram um grande contingente de mulheres ao extremo dos seus limites físicos e emocionais. A Oficina de Leitura e Escrita sobre Literatura e Maternidade Língüamãe é uma iniciativa de duas mães, escritoras e brasileiras expatriadas: uma em Portugal, a outra nos Estados Unidos, porém, ambas sob o mesmo território do isolamento prolongado (o puerpério seguido da pandemia). Apesar de isoladas, as mulheres, em especial as mulheres-mães, ainda mais as mulheres-mães-escritoras permaneceram juntas, falaram o mesmo idioma, pois ser mãe é uma nacionalidade em si. A leitura e escrita sobre a maternidade neste momento distópico não as salva das dificuldades, mas convida a encontrar na literatura um refúgio que as ajuda a atravessar esta tormenta, criando identificação, acolhimento e servindo como ferramenta de elaboração artística.*

Palavras-chave: *literatura; maternidade; escrita; mulheres escritoras.*

Abstract: *The new social rules established by the covid-19 pandemic have pressed an immense contingent of women to their physical and emotional limits. Língüamãe (mothertonge) is a reading and writing workshop about Literature and Motherhood created by two mothers, writers, and expatriated Brazilian women: one in Portugal, the other one in the USA. Both occupying the same territory of extended isolation (the postpartum followed by the pandemic). Although isolated, women, especially women-mothers, even more women-mothers-writers remained together, speaking the same language, because being a mother is a nationality within itself. Reading and writing about motherhood during this dystopian moment does not save them from the difficulties, but invites them to find in Literature a refuge that helps them pass through the storm, safeguarding, creating connections, and serving as an artistic elaboration tool.*

Keywords: *literature; motherhood; writing; women writers.*

* Todos os textos que não possuíam tradução para a língua portuguesa até ao momento do início da nossa pesquisa em 2020 foram traduzidos livremente por nós. Em sua maioria da língua inglesa e espanhola para a língua portuguesa, reforçando o nosso esforço neste projeto no que diz respeito à tradução.

** Email: araujo.cacau@gmail.com.

*** Email: gabriela.gomes.amaral@gmail.com.

Mothers don't write, they are written

Helene Deutsch

Em março de 2021, demos início às aulas da Oficina de Leitura e Escrita sobre Literatura e Maternidade *Língüamãe*. Começamos em formato *online* com duas turmas, uma às terças-feiras e a outra aos sábados. Em quatro encontros, discutimos temas como o silenciamento das mães (será que somos silenciosas ou silenciadas?), a importância de colocar a nossa voz no mundo, de oferecer as nossas experiências de maneira escrita sobre a maternidade; abordamos a relação com as nossas próprias mães ancoradas neste amor incômodo; debatemos o tornar-se mãe e como oferecer um testemunho real deste tornar-se mãe poder ser um problema (como veremos em Rachel Cusk); e investigamos as novas produções relativamente àquilo que tem sido escrito em termos de maternidade e literatura contemporânea.

Somos amigas há mais de uma década, e como é comum à natureza elástica das amizades, nossa relação passou por fases de muita proximidade e maior afastamento. As duas nos tornamos mães em 2019, uma em fevereiro e a outra em setembro. Enquanto uma estava parindo, a outra estava ainda grávida. Foi, porém, impossível nos comunicarmos com honestidade até que os primeiros meses de nossas meninas tivessem passado, porque o que nos foi ensinado, o que nos foi dito, foi que a maternidade era uma dádiva. Então, o que nos fazia sofrer nos calava. Como partilhar das dores e dúvidas de uma mãe recém-nascida sem assustar a amiga que ainda gesta? Como pedir ajuda às dores físicas e emocionais do pós-parto a uma outra mãe, que parece estar inteira: será que ela passou pelos mesmos desafios?

O reencontro se deu em 2020, quando a pandemia de covid-19 nos empurrou para o isolamento social, quando estávamos recém-saídas, ou melhor, ainda imersas, no isolamento do puerpério. Matilda, filha de Gabriela, tinha apenas seis meses quando a pandemia foi declarada, enquanto Flora, filha de Cacau, havia acabado de completar seu primeiro ano. Duas mães, escritoras e brasileiras expatriadas, uma em Portugal, a outra nos Estados Unidos, porém ambas sob o mesmo território do isolamento prolongado. A reaproximação no contexto pandêmico se deu por duas vias: a da maternidade e a da literatura. Ambas encontramos na leitura de autoras-mães e no ato de escrever ferramentas para processar as rupturas de si que a maternidade nos impunha e continua ainda a impor. Encarar o chão comum do espaço doméstico a que a pandemia nos forçou, nos fez encarar nossas próprias domesticações enquanto mulheres-mães. Nesta partilha descobrimos que, apesar de isoladas, estávamos juntas, falávamos o mesmo idioma: tentar traduzir a ruptura do sujeito que é tornar-se mãe. Foi a partir deste conceito de tradução que nasceu a *língüamãe*.

A princípio, planejamos fazer uma versão com foco nos países de língua portuguesa do curso *El silencio de las madres*, ministrado em espanhol pelas argentinas Bárbara Duhau e Natalia Romero, mas fomos percebendo que preferíamos trabalhar na ementa do curso, fazer a nossa própria curadoria do texto e criar o nosso processo. Foi um desafio construir um projeto em meio à pandemia, orquestrado por duas mães com filhas pequenas, mas conseguimos montar a primeira edição da *Línguamãe*, que foi lançada em março de 2021. Um dos nossos primeiros desejos era conseguir criar uma ponte entre mães e não mães. E muitas mulheres que não são mães nos perguntavam se elas também poderiam fazer o curso, se era também para elas. Nós dizíamos que sim, que a maternidade era para ser ouvida e discutida por todas e todos. E que, aliás, precisávamos de mulheres que não são mães para entendermos como criar este vínculo, esta ponte, este espaço de escuta e troca de experiências.

Na primeira edição contamos com 12 alunas, divididas em duas turmas; entre elas, apenas duas mulheres não eram mães. O roteiro para as oficinas foi feito de modo a que uma aula preparasse as alunas para as próximas. No entanto, discutir a maternidade é um tabu grande demais. É uma construção romantizada muito bem estabelecida em nossa sociedade, quase como um acordo tácito de silêncios e segredos guardados para e por quem é mãe: «Quando você for mãe, você vai entender», um dito repetido à exaustão, mas ainda que saibam, as mães não encontram espaço para partilhar a respeito das suas descobertas e dificuldades. Sentimos, então, que não poderíamos começar o curso falando sobre maternidade. Era preciso começar por um lugar que ajudasse as alunas a perceber como nem sempre somos incentivadas a falar sobre as nossas experiências de vida (inclusive, mas não apenas sobre a maternidade). Antes de tudo, iniciamos o curso nos apresentando e perguntando para elas o que as levou até ali: desta maneira entendemos que no processo de se ouvirem umas às outras, elas mesmas vão estabelecendo uma relação de escuta e criando vínculos. Esse momento foi crucial para o desenrolar dos próximos encontros.

1. UMA LÍNGUAMÃE PARA ROMPER SILÊNCIOS

Decidimos assim, chamar o primeiro encontro de *Uma línguamãe para romper silêncios* e nos ancoramos nas autoras Audre Lorde, Rebecca Solnit e Ursula K. Le Guin. Com Solnit, aprendemos a diferenciar a quietude do silêncio, do silenciamento.

Se nossas vozes são aspectos essenciais da nossa humanidade, ser privado de voz é ser desumanizado ou excluído da sua humanidade. E a história do silêncio é central na história das mulheres. As palavras nos unem e o silêncio nos separa, priva-nos da ajuda, da solidariedade ou da simples comunhão que a fala pode solicitar ou provocar¹.

1 SOLNIT, 2017.

Ao falar da necessidade de contar nossas próprias histórias e destacar que muitas vezes a violência contra as mulheres se dá contra nossas vozes e nossas histórias pessoais, as provocações de Solnit apontam que nossa voz é nosso posicionamento, nossa forma de estar no mundo. E quando Solnit diz que «quem foi ouvido, sabemos, forma as ilhas bem mapeadas, e os demais formam o mar da humanidade não ouvida e não registrada, impossível de ser mapeado», nos conectamos diretamente ao discurso² que Ursula K. Le Guin proferiu em 1986 para as formandas de *Bryn Mawr College*, na Pensilvânia (EUA).

Eu sei que muitos homens — e até mesmo mulheres — sentem medo e raiva quando as mulheres falam. Porque nessa sociedade da barbárie, quando mulheres falam verdadeiramente, elas falam de forma subversiva, não podem evitar: se você está por baixo, se você é posta para baixo, você rompe, você subverte. Nós somos vulcões. Quando nós mulheres oferecemos nossas experiências como nossa verdade, como verdades humanas, todos os mapas mudam.

Surgem novas montanhas³.

Apesar de o convite ser para redesenhar os mapas de si e do mundo ao quebrar o silêncio, percebemos que esta primeira aula deixou todas as turmas bastante pensativas, surgindo até mesmo um certo desconforto. Talvez porque ainda que seja um chamado para tomar posse de suas próprias vozes, quebrar o silêncio representa uma ruptura, um trauma. Quebrar o silêncio é também encarar os medos que nos fazem calar, como destaca Audre Lorde:

Em nome do silêncio, cada uma de nós evoca a expressão de seu próprio medo — o medo do desprezo, da censura ou de algum julgamento, do reconhecimento, do desafio, da aniquilação. Mas, acima de tudo, penso que tememos a visibilidade sem a qual não vivemos verdadeiramente⁴.

Só vivemos verdadeiramente se somos vistas, ouvidas? O incômodo do primeiro encontro talvez esteja em encarar de frente que há silêncios dentro de cada uma de nós, que, de alguma maneira, somos silenciadas. É a própria Lorde quem questiona: «quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio?».

Neste primeiro momento, estamos — nós como instrutoras e as alunas que nos acompanham nesta jornada — nos conhecendo como novas parceiras de uma

² LE GUIN, 1986.

³ LE GUIN, 1986.

⁴ LORDE, 2019.

travessia em um novo território construído virtualmente para discutir questões emocionais e criativas de carne e osso. Depois de reconhecer este território, nos reconhecemos, umas nas outras, a partir da escuta de cada uma, e de si mesmas, quando questionamos o que não estamos escrevendo quando não estamos escrevendo. Quais são os silêncios e quais seus porquês?

2. EU, FILHA: UM AMOR INCÔMODO

Depois da quebra de silêncio, nos reencontramos para discutir um tópico que é terreno comum, ser filha. Não importa nosso meio de vida, ou que fim ela leva, o começo é sempre o mesmo: todas e todos começamos nossas vidas dentro de um útero, dali partimos. O segundo encontro, *Eu, filha: um amor incômodo*, tem como disparador de discussões — e essas tendem a se tornar rapidamente muito pessoais e, por vezes, provocar reações emocionadas — o livro de estreia de Elena Ferrante, *Um Amor Incômodo* (2017). O romance, narrado em primeira pessoa, descreve de forma rica as emoções ambíguas do amor de uma filha por sua mãe: ao mesmo tempo que a protagonista quer ser como a mãe e deseja-a presente e disponível para si a todo o tempo, quer se desfazer dos traços maternos que a incomodam.

Agora que Amalia estava morta e eu podia apagá-lo [o dialeto de sua mãe] para sempre, junto à memória trazida por ele, senti-lo em meus ouvidos me deixava ansiosa. Usei-o para comprar uma pizza frita recheada de ricota. Após dias praticamente de jejum, comi com gosto enquanto perambulava pelos jardins desmazelados, com seus oleandros mirrados, e observava as várias rodas de idosos⁵.

Apesar da negação do idioma materno, é com ele que a narradora mata sua fome. Todo o tempo Ferrante faz este jogo de tentativa de afastamento e (inevitável) aproximação da filha com a mãe. Resgatadas as memórias da relação mãe-filha, convidamos as alunas a escreverem cartas a suas mães, ou a outra pessoa que as maternou, ou ainda a inventar uma personagem fictícia que esteja escrevendo ou recebendo a carta. O importante, neste processo, seria/foi? O endereçamento da escrita: ter um alguém (ainda que inventado) para receber as palavras que as alunas escrevem dá um suporte para dissipar a sensação de que as palavras estão sendo colocadas no papel em vão.

⁵ FERRANTE, 2017.

3. EU, MÃE: FÚRIA & TERNURA

Nos apoiamos no capítulo *Fúria & Ternura* do necessário *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution* de Adrienne Rich (1986) para criar a terceira aula da nossa oficina, *Eu mãe: fúria & ternura*. É bem possível que esta tenha sido a aula que mais evidentemente combateu estereótipos de representação da mãe (nela ressaltamos as autoras Adrienne Rich, Rachel Cusk e Susan Griffin).

Quando começamos a montar o curso em 2020, um dos primeiros textos com os quais tivemos contato foi o da Adrienne Rich, que nos surpreendeu muito pela clarividência e vanguardismo considerando a sua data de escrita. Adrienne Rich, nascida em 1928, escreveu passagens que nós duas, escritoras nascidas no final dos anos 80, consideramos extremamente atuais. E qual foi a nossa surpresa ao descobrir que este livro nem sequer possui tradução para o português. Coube a nós traduzir alguns trechos que consideramos importantes, em especial esta nota de seu diário de 1960 que ressalta um dos sintomas mais comuns na maternidade: a ambivalência.

Meus filhos me causam um sofrimento mais extremo do que qualquer outro que já experimentei. E este é o sofrimento da ambivalência: a infernal alternância entre a amargura do ressentimento à beira de um ataque de nervos, e o prazer da felicidade extrema e a ternura. Às vezes me acho, em meus sentimentos para com estes minúsculos seres inocentes, um monstro de egoísmo e intolerância [...] Eu os amo. Mas é na enormidade e inevitabilidade deste amor que está o sofrimento⁶.

Rich vai além, ela aborda a falta de material sobre o assunto da maternidade quando diz que «carregamos a marca desta experiência por toda vida, até à hora de morrer. Ainda assim, há uma estranha falta de material que nos ajude a entender e usar isso». Ou seja, a escassez da produção é um tópico a ser apontado nesta aula. Ao darmos continuidade ao assunto com Rachel Cusk, por exemplo, ela vai citar o mesmo problema na abertura de *A Life's Work* (2019), sem tradução para o português. Cusk escreve:

Ainda assim, a impressão que tive, quando me tornei mãe é que nada havia sido escrito sobre o tema: este é apenas um bom exemplo da surdez seletiva que descrevo, à qual pessoas sem filhos são afligidas sempre que uma pessoa com filhos fala, uma condição que adquirimos na infância e nos leva, na vida adulta, à perplexidade de achar que nunca nos falaram sobre como é ter filhos — nem nossas amigas, nem nossas mães⁷!

⁶ RICH, 1986.

⁷ CUSK, 2019.

Seria uma questão de escassez ou de «surdez seletiva» como aponta Cusk? É algo que temos nos perguntado desde então.

Seja a maternidade «honesta» uma questão de falta de palavras ditas e escritas ou falta de escuta e atenção para o que já foi publicado, a verdade é que, quando uma escritora experiente expõe de forma franca a sua experiência, ela corre o risco de ser extremamente criticada, como foi o caso de Cusk. Quando Rachel Cusk lançou *A Life's Work* (publicado pela primeira vez em 2001 e até hoje sem edição em português), um livro autobiográfico sobre sua experiência com a maternidade, este foi inundado de críticas negativas. A autora dos aclamados romances *Esboço e Trânsito* (ambos publicados no Brasil pela Todavia) e *A Contraluz e Trânsito* (ambos publicados em Portugal pela Quetzal) ficou chocada com as reações violentas que suas palavras provocaram em outras mulheres. A experiência a fez se questionar como escritora e como mãe. Mas «eu só estava sendo honesta», escreveu 7 anos depois da publicação do livro num prefácio à segunda edição, refletindo sobre o ocorrido.

Durante essa terceira aula nós, além de discutirmos juntas o texto do primeiro capítulo de *A Life's Work*, lemos juntas o novo prefácio, que a autora escreve 7 anos depois, também traduzido livremente por nós. O choque das alunas é sempre muito perceptível (e também o nosso, todas as vezes), considerando que o acontecido tem menos de 20 anos. Com a leitura do texto, percebemos o quanto ainda precisamos andar para conquistar o espaço de uma maternidade mais real e mais retratada por mães e escritoras.

Susan Griffin é a terceira autora que costumamos abordar na terceira aula; dela, escolhemos um ensaio chamado *Feminism and Motherhood* (1974), que integra o livro *Mother Reader, Essential Writings on Motherhood* (2001). O mais interessante é que Susan vai chamar o seu ensaio de *Notas*, na medida em que ela não consegue atribuir ao seu artigo um título que traduza a ideia de reflexão final. E a autora explica o porquê:

Estas são notas de uma compilação de intuições, esboços de uma teoria, anotações de partes da minha vida. No momento em que comecei a escrever esse texto estava divorciada há 6 anos. Minha filha tinha 8 anos.

Aqui não existe uma teoria formal; o trabalho está incompleto; sinto falta de escrever mais e englobar um período muito maior de tempo.

Por isso chamo a estas peças de “Notas sobre a questão do feminismo e da maternidade” avistando desenvolver um trabalho futuro. [...] Sobre esta questão — feminismo e maternidade — há pouca coisa escrita⁸.

⁸ GRIFFIN, 2001 [1974]: 33.

Novamente a escassez é apontada e o que vemos nesses três casos é uma tentativa de ir contra o que tenta nos impedir o ofício de organizar a escrita da maternidade; essas são autoras que tentam ir contra as críticas, contra a falta de tempo para a criação, justamente porque estão criando seus filhos, ou simplesmente a escassez da escassez, porque parece um pouco exaustivo começar de um lugar onde não existe nada escrito.

O exercício da aula número três é o último exercício da Oficina. Propomos então que as alunas façam uma pesquisa em casa, nos álbuns de fotografia, ou digitais, que pesquisem uma imagem delas em outro momento da vida, ou quando crianças, bebês, até adolescentes, e escrevam sobre essa imagem. A forma é livre e nós damos algumas sugestões sobre como tentar descrever o ambiente, tentar se recordar de como se sentiam naquele momento; são inúmeros os caminhos trilhados neste exercício efrástico e o que temos sempre de resultado invade de tal forma a primeira parte da última aula, quase nos deixando sem tempo pra falar sobre a bibliografia proposta. Mas vamos perceber que o mais importante é que nós as escutemos, e que elas falem.

4. ATO FINAL: QUEM QUER SER MÃE?

Na quarta e última aula, que intitulamos de *Ato final: quem quer ser mãe?*, terminamos com dois textos recentes, da canadense Rivka Galchen e do seu livro *Little Labors* (2016), e da espanhola Silvia Nanclares e do seu livro *Quién Quiere ser Madre* (2017). Nesta última aula tentamos trazer duas autoras mais jovens, ambas nascidas entre 1975 e 1976, cujas obras têm uma característica interessante (para além da honestidade): elas são sarcásticas. As duas autoras misturam literatura e maternidade com doses de honestidade, ironia e bom humor.

Rivka também questiona a «surdez seletiva» apontada por Cusk, como se antes de encararmos a experiência de dar à luz, não entrássemos de fato no problema que pode constituir um bebê na vida da sua mãe, como vemos nesse excerto:

Principalmente porque nunca me interessei por bebês ou mães; na verdade, esses assuntos pareciam perfeitamente desinteressantes; talvez eu até sentisse uma repulsa por mães e bebês como assuntos sobre os quais escrever; e assim, depois que tive um bebê, me encontrei na posição (agora interessada em bebês) como aquelas figuras políticas que chegam a ter insights que outros haviam alcançado décadas atrás somente depois que suas vidas pessoais cruzaram com um ‘problema’⁹.

⁹ GALCHEN, 2016.

Podemos dizer que é um problema? Estamos autorizadas? Até a própria autora se refere a este *problema* entre aspas, se desautorizando. Ela também vai apontando a maternidade de uma posição bastante política dentro da literatura, observando: «A literatura tem mais cachorros do que bebês. A literatura tem mais cachorros do que bebês e também tem mais abortos». E chega até a fazer uma lista com autores e autoras clássicos e suas crias, leia-se, filhos e livros. Ao final, quem escreveu mais livros? Pais que escrevem, ou mães que escrevem? E quem os publicou antes?

*Alice Munro: Três filhos. Dois maridos. Primeira coletânea de contos aos 37 anos. Toni Morrison: Dois filhos. Primeiro romance aos 39 anos. Penelope Fitzgerald: Três filhos. Primeiro romance aos 60 anos. Mais oito romances depois disso. John Updike: Muitos filhos. Muitos livros. Primeiro livro aos 25 anos. Saul Bellow: Muitos filhos. Muitas esposas. Muitos livros. Primeiro livro aos 29 anos*¹⁰.

Já Silvia Nanclares aborda o tema de um pensamento anterior. A sua personagem em *Quién Quiere ser Madre* (2017) é uma das amigas que ainda não teve filhos, sempre teve a certeza de que não queria ter filhos até bater de frente com a morte do seu pai. O luto a faz refletir sobre os seus próprios desejos e, ao longo do livro, vamos também questionando os nossos. Achamos importante também colocar textos de mulheres que estão questionando a maternidade, que ainda não foram mães ou que não querem ser mães, revelando um leque de possibilidades que parecemos ter (temos?). Silvia inicia o livro mostrando justamente essa variedade de histórias que cabem dentro da vida de uma mulher, nesse caso analisando o parto da maioria de suas amigas:

Sônia, por exemplo, mal sabia o que estava acontecendo, e de repente quando viu, já estava tocando a cabeça de Simão. Laura o teve em casa, em uma piscina inflável, poucas horas depois de estourar a bolsa durante um ensaio com o coral que cantava. Glória teve o períneo rasgado longitudinalmente em um hospital público. Célia não recebeu um só ponto no hospital privado. Lídia acabou em uma cesárea (e entre lágrimas). Bárbara também. Ambas morriam de medo do parto vaginal. Lorena entrou numa crise ao perceber que não tinha um plano B, ou seja, seu filho teria que sair de alguma maneira. Ana teve uma e depois duas cesáreas programadas. Natália, depois do primeiro atraso, precisou se esforçar para lembrar o nome daquele desconhecido, merda, ela achava que tinha usado camisinha. Lucas hoje tem 7 anos. Alba perguntou a sua parteira, que cuidava dela em casa, se ela já estava em trabalho de parto. Ela respondeu, rindo, que saberia quando a hora chegasse. Sem dúvida, ela soube. Carolina assustou-se com seus próprios gemidos durante o parto, como se outra pessoa tivesse

¹⁰ GALCHEN, 2016.

gritado por ela. Helena teve um parto eterno. Tânia pediu ao seu irmão que lhe trouxesse comida às escondidas. Sara teve Lena, uma menina de 11 anos, em um orfanato, antes de começar um longo processo de adoção. Inês, com a terceira, estourou a bolsa durante a noite e foi dormir, sabia que até a manhã seguinte o processo não estaria nem começando. Paula fala que de jeito nenhum, ela é uma ‘extincionista’. Cruz não expressa nesses termos, mas diz também que não, que não tem interesse em reproduzir. Olga conta que na sala de dilatação, uma mulher chinesa gritava mostrando a barriga: “uma faca, uma faca!” Nora veio com duas voltas do cordão ao redor do pescoço. E ainda assim foi um parto vaginal. Milagre. Júlio veio primeiro com o bumbum. Vitória teve os pontos inflamados. Bibiana e seus amigos beberam a placenta numa vitamina cheia de proteínas. Andrea teve uma distensão crônica no abdômen por conta dos gêmeos. Ari não quis amamentar para não estragar as tetas. Pepa também pediu medicamentos, para a total desaprovação e cochicho do andar neonatal¹¹.

Depois das leituras dos exercícios e das discussões dos novos textos, nos encaminhamos para o fechamento do curso, abrimos para perguntas, dúvidas e tentamos sugerir um compromisso para que essas mulheres busquem um espaço para produzir, ouvir, trocar, em suma, um convite a que não percam esta pulsão da escrita. O que pudemos sempre perceber é que depois de quatro aulas o grupo está bem entrosado e que as próprias alunas combinam trocas criativas e manifestam intenções de parcerias e criações (que esperamos que encontrem materializações no futuro).

5. OBSERVAÇÕES GERAIS

Depois desta primeira edição repetimos o curso com algumas pequenas alterações no mês de junho, desta vez apenas com uma turma aos sábados. As pequenas alterações couberam sobretudo à escolha dos poemas lidos no final da aula e à alteração do primeiro exercício. Todo o resto permaneceu igual.

Em novembro de 2021, enquanto refletimos sobre os novos passos da *Línguamãe*, e se continuaríamos, veio a ideia de testarmos uma *masterclass*, um «aulão» com a primeira aula apenas. Foram duas horas e meia e de maneira gratuita. Tivemos cerca de 50 inscritas, mas apenas 20 alunas compareceram no dia. Foi a primeira vez que tivemos uma mistura de fato entre brasileiras e portuguesas (as primeiras edições foram todas compostas em sua maioria por brasileiras). Acreditamos que a divulgação no *o.cordão: diário comunitário sobre o processo de ter filhos em todas as formas em que pode ou não acontecer*¹² influenciou bastante na presença das alunas portuguesas. A presença destas alunas deixou toda a

¹¹ NANCLARES, 2017.

¹² Disponível em <<https://www.instagram.com/o.cordao/>>.

discussão ainda mais interessante: percebemos que falávamos um mesmo idioma, além do português, mulheres-mães no Brasil e em Portugal formavam uma nacionalidade própria.

Um fator importante que deve ser ressaltado neste ensaio é a ressaca que sentimos depois das sessões. Nós, como escritoras, mentoras, mães, depois das edições, sentimos que precisamos de um espaço grande de intervalo entre as novas sessões. Julgamos que somos tomadas por este sentimento, porque temos conhecimento de que estamos lidando com temas como trauma, medos, assuntos não resolvidos, muitas vezes abuso e violência dentro das relações. O tema da maternidade é um tema pesado que requer um certo cuidado. Logo, sempre que terminamos as edições, precisamos de uma espécie de *detox* do tema, cuidamos de nós mesmas, de estar mais afastadas e mais centradas no nosso núcleo doméstico, para assim também protegermos a nossa família.

Chegamos inclusive a pensar em nos afastar do tema (nunca em desistir) por um bom período, mas a maternidade mostra-se sempre um tema absurdamente vivo e cheio de arestas para serem aparadas e que continuamente nos convoca de volta às discussões, seja em sala de aula seja em *duo* como sócias. Inclusive mesmo quando não estamos ativamente trabalhando no tema, estamos sempre discutindo o nosso papel uma com a outra. Não existem dúvidas de como crescemos juntas, de como crescemos como mães, como escritoras, e como humanas (sim, a maternidade nos tornou mais humanas) desde que nos unimos para trocar as nossas experiências.

Mesmo não indo à rua, às vezes conseguimos criar nós o nosso espaço de resistência, no pequeno, no nosso íntimo; e isso é muito. Mas queremos mais. Acreditamos que estes períodos de pausa são essenciais quando se trata da maternidade: este tema vivo, feito de magma que precisa ora adormecer em cima do seu descanso militante, ora explodir em discussões, produções e trocas. E visionamos assim, como *Le Guin* um dia suscitou, podermos mudar um pouco a paisagem que nos circunda, nem que seja a criação de novas montanhas no jardim de casa — é transformação.

CONCLUSÃO

Em janeiro deste ano completamos um ano do nascimento da Oficina. O que concluímos com este primeiro ano de vida foi, principalmente, a conquista do espaço para discutir as múltiplas faces da maternidade, com honestidade e transparência, compartilhando as dores e quebrando tabus, mas também a reconhecendo como vetor e processo criativo. Ao criarmos um espaço seguro, sem julgamentos, aberto à discussão das dificuldades no materno, criamos também um espaço para o reconhecimento de um eu criativo (escritora), além do eu criador (mãe).

O isolamento social provocado pela pandemia empurrou um grande contingente de mulheres, mães e cuidadoras ao extremo dos seus limites; o ambiente doméstico deixa de ser palco de uma jornada adicional de trabalho (doméstico) e se torna um lugar em que se perdem as fronteiras entre trabalho-profissional, vida pessoal e trabalho-doméstico. As mulheres estão à beira de um colapso. O convite à leitura e escrita sobre a maternidade neste momento não as salva da dificuldade, mas as convida para ter na literatura um refúgio que as ajuda a atravessar esta tormenta, criando identificação, acolhimento e servindo como ferramenta de elaboração desta nova forma de se estar no mundo ao se tornarem mães.

Para os próximos anos: é hora de vislumbrar os novos passos que queremos dar. O que podemos afirmar é que queremos continuar o caminho, oferecendo novas edições da oficina e almejando ampliar o alcance e temáticas que usam a literatura como boia salvadora no mar revolto que é o sistema capitalista-patriarcal em que vivemos. Nosso plano é fazer crescer este espaço seguro para se tomar riscos e abraçar novas aventuras do criar, sejam pessoas ou palavras.

BIBLIOGRAFIA

- CUSK, Rachel (2019). *A Life's Work*. Londres: Faber & Faber.
- FERRANTE, Elena (2017). *Um Amor Incômodo*. Trad. de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca.
- GALCHEN, Rivka (2016). *Little Labors*. Nova Iorque: Editora New Directions.
- GRIFFIN, Susan (2001 [1974]). *Feminism and Motherhood*. In DAVEY, Moyra, ed. *Mother Reader, Essential Writings on Motherhood*. Nova Iorque: Seven Stories Press, pp. 33-46.
- LE GUIN, Ursula K. (1986). *We are Volcanoes*. [Consult. 27 jan. 22]. Bryn Mawr College, Pennsylvania, EUA. Disponível em <<https://speakola.com/grad/ursula-le-guin-we-are-volcanoes-bryn-mawr-1986>>.
- LORDE, Audre (2019). *Irmã Outsider*. Trad. de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- NANCLARES, Silvia (2017). *Quién Quiere ser Madre*. Madrid: Editora Alfabeta.
- RICH, Adrienne (1986). *Anger and tenderness*. In RICH, Adrienne. *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*. Nova Iorque; Londres: W.W. Norton & Company, Inc.
- SOLNIT, Rebecca (2017). *A Mãe de todas as Perguntas*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Editora Companhia das Letras.